



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14310 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

LETRAMENTOS SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL

Fabiola Mônica da Silva Gonçalves - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

LETRAMENTOS SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL

Resumo: Este texto se configura como uma reflexão sobre o fenômeno do letramento social e alguns pontos de contato com a psicologia histórico-cultural, sendo parte integrante das inquietações teóricas que fundamentam nossas pesquisas. Assim, tem como objetivo discutir, numa perspectiva de aproximação, acerca da relação entre a concepção de linguagem e a de letramento social sob a lente da psicologia histórico-cultural. Configura-se como um trabalho bibliográfico. Em linhas gerais, defende a intensificação de movimentos educacionais com práticas pedagógicas favorecedoras do ensino e da aprendizagem que ressaltem a subjetividade dos estudantes, os sentidos e significados que eles atribuem ao seu processo de escolarização, a partir das práticas de letramento de que participam cotidianamente.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural, Letramentos sociais, Desenvolvimento escolar.

Considerações iniciais

O contexto histórico-cultural se encontra na centralidade dos nossos estudos por

estarmos em sintonia com a formulação vigotskiana acerca de a formação do psiquismo humano desenvolver-se nas práticas sociais circunscritas em um tempo e estar mergulhada nas tradições culturais de um grupo, bem como nas prospecções que os homens criam a partir da convivência mútua. Sendo assim, é um processo de desenvolvimento contínuo, inacabado e aberto.

Ao assumir a dinamicidade nas relações sociais como propulsora de desenvolvimento humano, temos a linguagem como uma das instâncias cognitivas que promovem mudanças e saltos qualitativos na internalização e ressignificação subjetiva dos conhecimentos e saberes produzidos coletivamente. Como posto por Vigotski, ao tomar a palavra como unidade de análise da linguagem verbal, na intrínseca e indissociável relação com o pensamento, afirmamos que:

Por sua estrutura, a linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, razão por que não pode esperar que o pensamento seja uma veste pronta. **A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra.** Por isso, os processos de desenvolvimento dos aspectos semânticos e sonoros da linguagem, de sentidos opostos, constituem a autêntica unidade justamente por força do sentido oposto. (VIGOTSKI, 1934/2009, p. 412, grifo nosso).

Nesta perspectiva, a linguagem verbal é concebida como um fenômeno que apoia os processos de mudança do pensamento no funcionamento da vida humana em sociedade. Ela não é vista como um espelho que reflete o pensamento, mas sobretudo vai sendo forjada, dinamicamente produzida nas trocas verbais estabelecidas nas inúmeras situações comunicativas entre os falantes de uma língua. Por conseguinte, pensamento e linguagem se constituem mutuamente.

A partir desse posicionamento sobre a constituição da linguagem verbal e sua relação substancial com o pensamento, direcionamos a atenção para a sua relevância no desenvolvimento humano escolar. Com isso, propomo-nos a ensejar algumas reflexões, no plano teórico, sobre o fenômeno do letramento social como elemento que encontra consonância com a perspectiva de linguagem aqui adotada, a partir dos seguintes questionamentos: podemos encontrar alguns pontos de contato entre a psicologia histórico-cultural e os letramentos sociais? Em que medida os letramentos sociais promovem o desenvolvimento escolar? Para tal, conta como objetivo discutir, numa perspectiva de aproximação, acerca da relação entre a concepção de linguagem e a de letramento social sob a lente da psicologia histórico-cultural.

Alguns apontamentos sobre letramentos sociais e escolarização

Os estudos sobre letramento começaram a ganhar força no Brasil na década de 1980, quando, acreditamos, foi um dos movimentos educacionais teóricos e metodológicos de oposição ao modelo de ensino das correntes pedagógicas liberais prevalentes na educação brasileira até então. Esse período da história da educação foi muito fértil, uma vez que as teorias educacionais de vertente crítica começaram a ganhar espaço com a ampliação das discussões pedagógicas, fortalecendo assim a relação intrínseca entre educação e sociedade como um dos elementos fundamentais para compreender o contexto escolar e nele agir, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Há estudiosos que retratam esse período no campo da didática como a passagem de um ensino instrumental para o ensino fundamental, que culminou com o processo inicial de transição democrática brasileira, em que se ansiava pelo fim do regime militarista daquele momento político. Entender as múltiplas relações e determinações sociais que interferem no processo didático e, por conseguinte, no desenvolvimento escolar da população estudantil se constituiu como essencial, trazendo impacto aos modos de pensar o ensino e a aprendizagem até os dias atuais (ANDRÉ; CRUZ, 2012).

Assim, diante da tensão educacional instaurada nesse período, trazendo para o campo dos estudos sobre letramento, pode-se verificar dois modelos antagônicos que abordam tal fenômeno. De um lado, mais conservador e generalista, alheio ao entorno social que determinam as condições educacionais de produção do conhecimento escolar, fica a vertente do letramento autônomo, que, em linhas gerais, consiste em “como ensinar as pessoas a decodificar sinais escritos e, por exemplo, evitar problemas de ortografias? Essa abordagem pressupõe que as consequências sociais do letramento são pontos pacíficos (...) e que o que as agências precisam decidir é como o letramento deve ser transmitido” (STREET, 2014, p. 43). Na contramão dessa vertente e alinhada a uma perspectiva educacional crítica, pautada nas relações sociais opositoras, encontra-se o modelo ideológico de letramento, que reconhece a inserção da ideologia:

Culturalmente incrustada dessas práticas. O modelo ressalta a importância do processo de socialização na construção de significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais por meio das quais esse processo se dá, e não somente com as instituições “pedagógicas”. (STREET, 2014, p. 44).

Desse modo, traçando um paralelo com a psicologia histórico-cultural, identificamos alguns pontos de contato, como a relevância das relações sociais e das práticas sociais que atravessam o letramento. O fato de se ressaltar o papel do significado do letramento para as

peças também é um ponto que encontra ressonância positiva na concepção de linguagem defendida pela psicologia histórico-cultural, já que as pessoas significam o mundo a partir das trocas verbais e não verbais estabelecidas mutuamente entre si nas atividades sociais situadas que realizam e de que participam. Outro ponto que podemos destacar é a influência das agências de letramento, isto é, das instituições sociais, no processo de construção de significados pelos participantes.

Logo, os processos de escolarização precisam partir da realidade social em que os estudantes vivem, com o intuito de provocar o interesse pelo conhecimento a ser abordado, de modo que eles possam atribuir sentidos e significados durante o estudo daquela temática, favorecendo assim a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento escolar.

Ao tomar a linguagem verbal como uma dupla constituição semiótica, no caso como um processo de construção de sentidos e significados em torno das interações sociais que vivenciam nas múltiplas situações culturais, as pessoas vão elaborando concepções e pontos de vistas a respeito dos conhecimentos abordados no contexto escolar. Assim passam por constantes ressignificações tanto em termos da coletividade como da subjetividade relacionadas ao grupo envolvido nas atividades educativas desenvolvidas em sala de aula. Nessa direção:

Assim como as ferramentas materiais, o signo é parte necessária da cultura humana e ambos condensam conteúdos histórico-sociais das experiências dos homens. Portanto, o processo de ensino pode ser entendido como um duplo processo de transmissão e apropriação de significações construídas historicamente. Nessa perspectiva, as atividades escolares se instituem como recursos que estimulam uma série de processos internos do desenvolvimento do homem, especialmente, as formas mais complexas de pensamento. (MARTINS; RABATINI, 2011, p. 355).

Contudo, ressaltamos que esse processo de significação não se limita à realidade imediata, pois é o ponto de partida para que se possa ampliar o conhecimento, aprofundando-o a tal ponto que se concretizem os processos de mudança do pensamento por meio das interações sociais vivenciadas tanto na escola como fora dela, para que assim a trajetória acadêmica promova o desenvolvimento integral dos estudantes tanto na educação básica como no ensino superior (FREIRE, 2006).

Práticas pedagógicas que enfatizem as situações de linguagem em sala de aula, articulando os sentidos e significados sociais que os estudantes atribuem à escrita e à leitura, favorecem a instauração de um processo interacional em sala de aula que pode conduzir à partilha de práticas de letramentos sociais vivenciadas historicamente produzidas pelo grupo.

Assim, promove-se um processo de escolarização pautado no diálogo, nas trocas de saberes e na contextualização dos conhecimentos abordados no contexto escolar, pois, para

Street (2014, p.149), “uma reconfiguração do letramento como prática social crítica exige que levemos em conta essas perspectivas históricas e também transculturais na prática de sala de aula e que auxiliemos os alunos a situar suas práticas de letramento”.

Considerações finais

Diante da reflexão introdutória aqui realizada acerca dos letramentos sociais sob a lente da psicologia histórico-cultural, bem como da defesa por uma educação humanizada e emancipatória, pautada na realidade que circunda a vida dos estudantes, sobretudo aqueles das redes públicas de ensino Brasil afora, busca-se fomentar o diálogo permanente com abordagens teóricas e metodológicas que favoreçam o desenvolvimento escolar com esse propósito.

Não se trata aqui de subestimar que esse tipo de discussão e encaminhamentos não tenham sido materializados, ao contrário, sabemos que esse debate vem se dando, sobretudo, com o processo de transição democrática da política brasileira nos anos de 1980. Desde então, estudiosos e pesquisadores têm dinamizado e alargado as discussões e os estudos na vertente educacional crítica, tomando como base o contexto histórico-cultural em que a comunidade escolar está situada.

Nesse sentido, nosso desejo é que sejam intensificados movimentos educacionais com práticas pedagógicas favorecedoras do ensino e da aprendizagem que ressaltem a subjetividade dos estudantes, os sentidos e significados que eles atribuem ao seu processo de escolarização, a partir das práticas de letramento de que participam cotidianamente.

Dessa maneira, reiteramos o posicionamento de que a linguagem ganha um lugar de destaque no desenvolvimento escolar dos estudantes por conta do seu elevado potencial nas interações sociais, nos múltiplos espaços de convivência, dando margem à amplificação de um processo contínuo de crescimento psicossocial recíproco.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli; CRUZ, Giseli Barreto da. A produção do conhecimento didático na Rbep (1998-2010). *Revista bras. Est. pedag.* Brasília, v. 93, n. 234, edição especial. p. 443-462, 2012.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 29. edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

MARTINS, Lígia Márcia; RABATINI, Vanessa Gertrudes. A concepção de cultura e Vigotski: contribuições para educação escolar. *Psicologia Política*. v. 11, n. 22, p. 345-358, jul./dez. 2011.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcus Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Pensamento e palavra. *In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora WMF, 2009. p. 395-486.